



Foto: Myra Gonçalves e Cristina Lima

TROVADORES E TROVEIROS

MARCOS FILHO

trovadores e troveiros

Cavaleiros, poetas e músicos que, entre os séculos XI e XIV, desenvolveram, no sul da França, especialmente na Provença, uma brilhante civilização artística. O nome *troubadour* provém do verbo provençal *trobar*. A língua que utilizavam era a chamada *langue d'oc*.

Acompanhando-se eles próprios com a viela e a rota, mas deixando muitas vezes esta função a seus jograis e cultivavam de preferência a canção amorosa e a canção de gesta (de assunto heróico). No norte da França os cultores este movimento poético-musical era conhecido como *trouvères*. A língua que utilizavam era a *langue d'oïl*. Da Provença, o trovadorismo irradiou para outros países: Inglaterra, Alemanha e, sobretudo, Espanha e Portugal. Cultivando as formas melódicas acompanhadas, o trovadorismo representa uma forte reação contra o contraponto erudito da música eclesiástica e está na base do primeiro movimento historicamente relevante de música vocal-instrumental profana: a do primitivo Renascimento italiano.

canções espirituais
louvação heróica
amor cortês
canções de taberna

amor cortês (*fin amour*)

“Humildade, cortesia, adultério e a religião do amor” (C.S. Lewis)

O amor cortês ou cavalheiresco teve origem nos trovadores do final do século XI. Promovendo uma nova forma suave de paganismo, à qual chamavam “sabedoria alegre”, estas figuras interessantes da Provence efetivamente desafiaram e procuraram redefinir ideais cristãos tradicionais de amor, casamento, masculinidade, virtude e feminilidade. Em meados do século XII, a filosofia trovadoresca se havia praticamente institucionalizado nas cortes da Europa, e o “amor cortês” se tornara a base de um novo estilo de vida, glamouroso e excitante.

aristocrático

Era praticado por senhores e damas nobres:
seu ambiente era o palácio ou a corte real.

ritualístico

Os casais envolvidos numa relação deste tipo convencionalmente trocavam presentes e demonstrações de sua relação. A dama era cortejada segundo convenções elaboradas de etiqueta e era a receptora constante de canções, buquês, favores e gestos cerimoniais. Em troca de todas estas atenções gentis e incansáveis da parte de seu amante, ela precisava fornecer apenas um vago sinal de aprovação, uma mera sombra de afeição. Afinal, ela era a exaltada domina, a “senhora” dominadora da relação; ele apenas o *servus*, um humilde mas fiel criado.

secreto

Amantes corteses se comprometiam com o mais estrito segredo. O fundamento da relação — e mesmo a fonte de sua aura e eletricidade especiais — era que o resto do mundo (exceto uns poucos confidentes e intermediários) estava excluída. De fato, os amantes constituíam um universo em si — um mundo especial com seus próprios lugares (de encontros secretos), regras, códigos e mandamentos.

adúltero

O amor cortês — quase por definição — era extraconjugal. Na verdade, uma de suas atrações principais era oferecer um escape das rotinas maçantes e dos confinamentos tediosos do casamento nobre (não mais do que uma aliança política ou econômica, cujo objetivo era gerar herdeiros). Os trovadores debochavam do matrimônio, considerando-o uma trapaça religiosa glorificada. Em seu lugar, exaltavam o ideal de uma relação carnal disciplinada e decorosa, cujo objetivo final não era a crua satisfação carnal, mas uma intimidade sublime e sensual.

literário

Antes de se estabelecer como uma atividade popular na vida real, o amor cortês recebeu atenção como tema da literatura. Cavaleiros ardentes e suas damas apaixonadamente adoradas já eram figuras populares na canção e na fábula antes de começarem a proliferar hordas de imitadores na vida real nos salões palacianos e aposentos íntimos da Europa medieval.

Esta iluminura alemã, hoje na Universidade de Heidelberg, mostra um cavaleiro em atitude vassálica e religiosa (ajoelhado e de mãos juntas) diante de sua dama. A proximidade física, mas sem contato, e a estudada indiferença da dama, casada e socialmente superior ao seu cavaleiro, criavam um estado de tensão erótica típico das cortes feudais dos séculos XII–XIII.



1305-40



séc. XIII

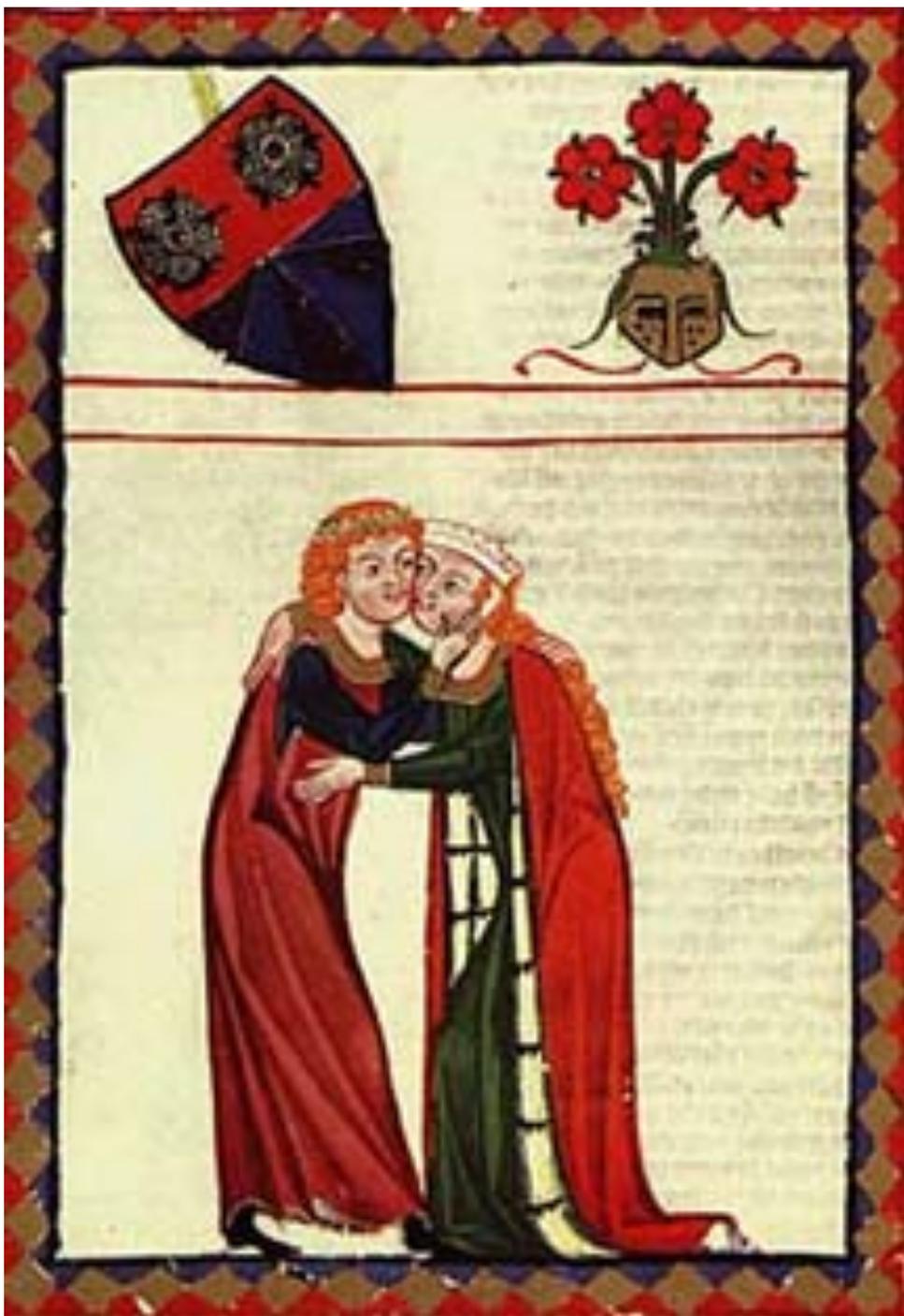




















chanson, cinco ou seis estrofes construídas sobre as mesmas rimas

aube, descreve brevemente o despertar de dois amantes pelo grito do vigia

sérénade, descreve os lamentos do cavaleiro amoroso

sirvantés, sátiras de caráter mais político e moral

planh, canto de luto

jeu parti e *tenson*, permitem a vários trovadores debaterem questões de amor

pastourelle, descreve o amor por uma pastora

ballade, destina-se a ser dançada

Volez vous que je vous chant

anônimo, século XIII

Quereis vós que eu vos cante
um agradável canto de amor?
Não foi um vilão que o fez,
mas um cavalheiro,
debaixo da sombra de uma oliveira,
nos braços de sua amada.

Trajava ela camisa de linho,
manto branco de arminho
e túnica de seda;
vestia calças de gladiolos
e sapatos de flor de maio,
estritamente calçados.

Ela ia pelo prado abaixo;
cavalheiros a encontraram;
gentilmente a saudaram:
— Bela, onde nascestes?
— Da louvada França sou,
da mais alta linhagem.

Meu pai é o rouxinol,
que canta sobre o ramo
do mais alto bosque;
minha mãe é o canário,
que canta no mar salgado
da mais alta ribanceira.

— Bela, bem fostes nascida,
bem estais aparentada
e de alta linhagem;
imploro a Deus, nosso Pai,
que vós me sejais dada
como mulher desposada.

In taberna quando sumus

canção de taberna, anônimo

Quando estamos na taberna,
não pensamos na morte,
corremos a jogar,
o que nos faz sempre suar.
O que se passa na taberna,
onde o dinheiro é hospedeiro,
podeis querer saber,
escutai pois o que eu digo.

Uns jogam, uns bebem,
uns vivem licenciosamente.
Mas dos que jogam,
uns ficam em pelo,
uns ganham aqui suas roupas,
uns se vestem com sacos.
Aqui ninguém teme a morte,
mas todos jogam por Baco:

Primeiro ao mercador de vinho
é que bebem os libertinos;
uma vez aos prisioneiros,
depois bebem três vezes aos
vivos,
quatro a todos os cristãos,
cinco aos fiéis defuntos,
seis às irmãs perdidas,
sete aos guardas florestais,
[...]

*Tanto ao Papa quanto ao rei,
bebem todos sem lei.*

*Bebe a amante, bebe o senhor,
bebe o soldado, bebe o padre,
bebe ele, bebe ela,
bebe o servo com a serva,
bebe o esperto, bebe o preguiçoso,
bebe o branco, bebe o negro,
bebe o sedentário, bebe o nômade,
bebe o estúpido, bebe o douto,*

*Bebem o pobre e o doente,
bebem o estrangeiro e o desconhecido,
bebe a criança, bebe o velho,
bebem o prelado e o diácono,
bebe a irmã, bebe o irmão,
bebe a anciã, bebe a mãe,
bebe este, bebe aquele,
bebem cem, bebem mil.*

*Seiscentas moedas não são suficientes,
se todos bebem imoderadamente
sem freio. Bebam quanto for, o espírito alegre, todo
mundo nos denigre,
e assim ficamos desprovidos.
Que sejam confundidos os que nos difamam e sejam
seus nomes riscados do livro dos justos.*